



*** REDACTOR PRINCIPAL ***
Alexandre Vieira

***** EDITOR *****
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)

Officina de Impressão — R. da Batalha, 154

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Tathaba — Lisboa • Telefone: 7

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

NOBRES AFIRMAÇÕES DE SOLIDARIEDADE OPERÁRIA

Após o cumprimento dum dever — o regresso ao trabalho

Perante a ameaça da suspensão de "A Batalha", os quadros tipográficos recusam-se a fazer os outros jornais!

Vem o proletariado de Lisboa de produzir uma manifestação de solidariedade para com os operários da Companhia União Fabril que deveras o ennobrece.

Podem os inimigos da classe operária — e fa-lo não certamente — tentar depreciar o levantado gesto dos trabalhadores de Lisboa, mas não conseguirão diminuir-lhe o alto significado moral.

Não há dúvida que a demonstração proletariana que acaba de realizar-se não levou Alfredo da Silva a uma justa solução do conflito. Mas se esse objectivo não foi atingido, foi-o o objectivo máximo, e este consistia em assegurar, por forma iniludível, aos camaradas da União Fabril, o espírito de solidariedade dos trabalhadores da capital.

Há, porém, ainda muito a fazer, por parte do operariado do país, no intuito de que os grevistas da União Fabril vejam as suas reclamações atendidas. Impõe-se, conforme o aconselham a União dos Sindicatos Operários de Lisboa e as Federações de Indústria, uma cerrada "boicotage" aos produtos da Companhia União Fabril que o povo consome e impõe-se igualmente que todo o trabalhador concorra semanalmente com o mínimo de 10 centavos para que os 2:000 operários da referida companhia, ainda em greve, tenham assegurada a sua alimentação e a de sua família.

O governo, aproveitando o momento de perturbação que passa, pretendeu fazer suspender A BATALHA, cuja propaganda o incomoda sobremaneira. Não conseguiu, porém, levar por diante o seu propósito, porque em face dele se levantaram, unidos, formidáveis de decisão, belos de solidariedade, os quadros tipográficos dos jornais de Lisboa, que lhe notificaram, por intermédio da Federação do Livro e do Jornal, que se A BATALHA fosse suspensa, suspensos seriam todos os outros jornais, uma vez que se recusariam a compô-los.

Este gesto sublime dos camaradas tipógrafos comove-nos pela sua rara grandeza.

Após o movimento

Seguindo as indicações da classe operária, manifestadas por intermédio das assembleias dos sindicatos e no grande comício do parque Eduardo VII, foi antontem declarada a greve geral em Lisboa pela União dos Sindicatos Operários e Federações de Indústria.

Fêz-se o movimento, e se é certo que alguns serviços de transportes, especialmente terrestres, não paralizaram absolutamente, como os eléctricos, não sofre dúvida que quasi todas as classes, sobretudo as mais numerosas, acorreram ao apelo dos referidos organismos, cessando, durante os dias de ontem e antontem, a laboração de quasi todos os estabelecimentos fabris, inclusive os do Estado, cujo operariado, no seu máximo numero, abandonou o trabalho.

Tem o operariado de Lisboa razões de sobejo para sentir-se satisfeito com a demonstração que realizou em favor dos operários da Companhia União Fabril, que há tantos dias lutam pela satisfação de regalias de todo o ponto justas.

Se não logrou, com o seu gesto, ver solucionado o movimento daqueles camaradas, como era seu desejo, affirmou, contudo, duma maneira bem eloquente, o seu espirito de

solidariedade, sem olhar a sacrificios nem a possíveis perseguições.

Di-lo, no seu manifesto, a União dos Sindicatos Operários, e não há dúvida que é assim: o proletariado, não só de Lisboa como de todo o país, a despeito do grande esforço feito em favor dos camaradas da União Fabril, pode e deve realizar um novo esforço, qual é o de concorrer semanalmente, enquanto as suas reclamações não forem atendidas, com a cota mínima de 10 centavos semanais, a fim de que, levadas pela miséria, não sejam forçados a entregar-se sem condições nas mãos sinistras do negreiro Alfredo da Silva, o que significaria a morte da Associação do Pessoal da União Fabril, o lançamento à margem de algumas centenas de trabalhadores, indo entre eles os mais dignos e os mais ativos — que a organização operária tem a obrigação de defender — e, sobre tudo isto, o predomínio do famoso potentado Alfredo da Silva.

Não pode ser, não deve ser. Que todos os que trabalham se unam em torno dos camaradas da União Fabril, encoirando-os e provendo-os dos meios necessários a que saíam vitoriosos da luta em que estão empenhados!

O SELAMENTO DE "A BATALHA"

As classes gráficas deliberaram suspender a publicação de todos os jornais, enquanto A BATALHA não pudessem circular

Assim que foi do conhecimento da opinião proletária, o encerramento de A Batalha, a agitação intensificou-se extraordinariamente. Os quadros tipográficos dos jornais, reuniram a noite, cerca das 22 horas, na sede da Federação do Livro e do Jornal, deliberando unanimemente, — em cumprimento da deliberação tomada anteriormente de suspender a publicação dos jornais, no caso de suspensão ou assalto de A Batalha — declarar a greve em todos os jornais, enquanto não fossem arrancados os selos apostos às instalações do nosso jornal.

Foi em seguida nomeada uma comissão, composta de cinco membros dos quadros tipográficos, a fim de comunicar ao chefe da policia de segurança do Estado, a resolução tomada. A comissão desempenhou-se da sua missão, deixando bastante surpreendido esse funcionário com a atitude decidida e enérgica dos gráficos. Ficou este de comunicar até às 9,30 da manhã, a Federação, a reabertura de A Batalha, a fim de que os jornais da tarde já se pudessem publicar.

Em cumprimento da deliberação tomada, nenhum jornal saiu, com efeito, esta manhã. Na sede da Federação do Livro e do Jornal, a animação foi grande durante toda a tarde, aguardando os gráficos dos periódicos da tarde a reabertura do nosso jornal, a fim de retomarem o trabalho.

Cerca das duas horas da tarde, alguns agentes da segurança do

estado, procederam, efectivamente, à inutilização dos selos que fechavam as portas de A Batalha. Imediatamente os tipógrafos dos jornais da tarde se puseram a disposição das respectivas empresas, sendo possível que, a despeito do adiantado da hora, alguns se publicassem.

Não queremos encerrar esta breve resenha de tão importante successo, sem afirmarmos a nossa satisfação pela solidariedade dos gráficos, que, com o seu gesto activo e nobre, se afirmaram bem fortemente perante todo o movimento operário.

Na reunião dos quadros tipográficos, a que acima fazemos referência, foi aprovado o seguinte documento:

Os quadros tipográficos dos jornais de Lisboa, tomando conhecimento das medidas adoptadas pelo governo com o intuito de obstar a publicação do órgão operário A BATALHA, e convidadas a definir uma atitude em presença desse facto resolvem: Não se retomar o trabalho em nenhum dos outros jornais, ratificando assim as declarações feitas pelo representante de A BATALHA na reunião das empresas jornalísticas, enquanto as medidas repressivas do governo se fizerem sentir e enquanto a publicação do órgão operário for, por qualquer maneira, dificultada.

Classes gráficas

São convidados todos os componentes dos ramos da indústria gráfica (casas de obras), a reunir hoje, pelas 21 horas, na sede da Federação do Livro e do Jornal, travessa de Agua de Fôr, 55.

O encerramento da sede da U. O. N. e da Federação da Construção Civil

O governo acaba de encerrar a sede da Central dos Sindicatos e da Federação da Construção Civil. Esquecendo-se das lições do passado, os homens que hoje governam, seguem o mesmo caminho dos seus antecessores.

Não exitam em criar uma atmosfera de hostilidade e revolta entre o proletariado consciente, julgando que conseguem deter a onda de revolta e emancipação que rola sobre todo o mundo, com as suas violências absurdas e revoltantes.

Estão seladas as portas da União Operária Nacional. Mas nem por isso ela deixará de existir. Para lhe porem termo, para de vez a exterminarem, tinham que fusilar dezenas de milhares de operários, que a U. O. N. dão o seu pronto e constante apoio.

Não deixaremos, no entanto, de energicamente protestar contra tal violência de um governo democrático e liberal. E que este facto seja mais uma lição para o operariado a fim de que ele se convença de que todos os governantes, qualquer que seja o seu rótulo político, nunca deixarão de defender intransigentemente os interesses burgueses, esmagando impiedosamente os que trabalham, os que tudo produzem.

Ver na 2.ª página a notícia sobre o assalto à sede da U. O. N.

Industriais ... em greve

Grande numero de industriais de várias classes, deliberou encerrar as suas fábricas, em sinal de protesto contra a greve geral. É curioso que os nossos adversários, que tão asperamente nos censuram por usarmos da única arma que tem os trabalhadores, que é a greve, acusando-nos de perturbadores da ordem burguesa e capitalista, não existem, agora, em seguir identicos processos.

E porque razão o governo não garante a liberdade de trabalho, prendendo os industriais como agitadores, facilitando, assim, a volta à normalidade? perguntará o leitor lúgubro.

Devido à rapidez com que este suplemento a "A Batalha" foi feito, é muito natural que se notem nele algumas lacunas, que diligenciamos preencher no número de amanhã

Simplemente porque os governos, como burgueses e capitalistas, só tem guarda republicana e policia, para exercer violências sobre os trabalhadores.

União dos Sindicatos Operários de Lisboa

Nota officiosa

Reuniu a comissão administrativa, que se congratulou pela forma como decorreu a greve geral de solidariedade aos operários da Companhia União Fabril, greve esta em que se lançou a maioria do operariado organizado, exceptuando-se uma pequena minoria do pessoal da Carris de Ferro, que com o seu cobarde procedimento, fez com que os conscientes dessa classe retomassem pouco a pouco o serviço, de forma que ao segundo dia do movimento, era quasi normal a circulação dos eléctricos.

Aparto, pois, este gesto dos amarelos da Carris, todas as outras classes demonstraram duma forma enérgica a compreensão nítida dos seus deveres, sahndade esta comissão administrativa e operariado de Lisboa por este motivo.

Aprecia ainda a attitude das autoridades encerrando as sedes das organizações operárias, e do A. Batalha — o que provocou um belo gesto da Federação do Livro e do Jornal, conseguindo a não publicação de toda a imprensa diária, enquanto o órgão da U. O. N. não saísse.

Em face desta nova fase que tomaram os últimos momentos da greve geral, a comissão administrativa da U. S. O. protesta contra esta inexplicavel attitude dos governantes, e sauda a Federação do Livro e do Jornal, pelo belo significado que resultou do seu admiravel gesto, obrigando a restante imprensa a sofrer os rigores da lei da rôlha que os governantes pretendiam só para A Batalha.

O assalto à União Operária e a busca a A BATALHA

Ontem, cerca das cinco da tarde, fomos surpreendidos por um grande aparato de forças que, fora da lei, assaltou a sede da União Operária, entrando de armas na mão em todas as dependências do edifício, intimidando, com violência, todos os operários que ali se encontravam e saíram para a rua, onde os esperavam, para os espancarem sem dó nem piedade.

A guarda republicana, acompanhada de guardas da polícia, da chamada segurança do Estado, à mistura com civis, percorreram todas as dependências do edifício da União Operária, tendo em seguida feito uma busca na redacção e administração de A Batalha, onde a guarda republicana, de armas sempre na mão, chegou ao cúmulo de pretender abrir as gavetas das modestas mesas da redacção deste jornal, com receio que nelas estivessem bombas que nunca cá existiram!

Uma verdadeira infâmia! O escrúpulo dessa gente chegou ao ponto de fazerem essa busca ao telhado, onde apenas encontraram... papéis velhos! Após esse trabalho, que levou das cinco às sete da tarde, intimidaram-nos a abandonar a nossa casa, motivo porque não nos foi possível comunicar com os nossos camaradas.

O atropelo de que fomos vítimas não nos surpreendeu, visto que ainda está a mandar o sr. Baptista, de braço dado com o Alfredo da Silva. E, tanto assim

é, que ao assalto à União e a A Batalha assistiu o Estado Maior do Baptista que viu espancar os nossos camaradas, sem que o impedisse.

A guarda republicana foi brutal, cometeu actos de verdadeira atrocidade, tendo espancado creaturas a torto e a direito. No entanto, na redacção e administração deste jornal, apenas encontraram linguados de papel e as bombas que, hoje, amanhã e sempre, explodirão — que são as penas com que nós trabalhamos, sem receio, sem desfalecimento de qualidade nenhuma!

E essas bombas, fiquem certos, nunca conseguirão apertar-nos. Nunca!

Pormenores, notas, casos menos interessantes e que constituem uma comédia... policial, temos bastantes, mas esses, leitores e camaradas, ficarão para amanhã, quando o nosso espírito esteja mais tranquilo, porque, no momento em que escrevemos estas linhas, é tal a nossa indignação e a nossa revolta que não temos coragem para os relatar, por agora.

Fomos vítimas duma violência sem nome — isto à sombra da democracia e da liberdade tão apreçoada pelos políticos, para levar a água ao seu moinho.

Mas, é necessário, que as classes trabalhadoras nunca mais, nunca mais, acreditem em semelhantes cavalheiros.

Nunca mais, notem bem!

Boicote aos produtos da União Fabril!

Os operários têm de lançar mão de todas as suas armas específicas para combater a tirania de Alfredo da Silva. Atacou-se já o potentado por meio da greve de classe. O proletariado demonstrou agora, na greve geral de 48 horas, que está disposto a pôr fim ao seu reinado despótico de monarca absoluto, de senhor cesariano de tudo isto. Curvam-se perante ele os governantes. Deixá-lo! Não se curvarem os operários. Eles lutarão até ao fim. Depois das greves, lançemos mão da boicotagem!

Nenhum operário deve, doravante, gastar, seja em que grau for, os produtos da Companhia União Fabril.

A C. U. F. vende sabão. Um sabão que não presta para nada e que é, vendido, sem embargo, a peso de ouro. O sabão da C. U. F. tem as marcas "Sol e Aliança". Não gasteis mais dele! Recomendai isso insistentemente às vossas companheiras! Mais ainda: Deixai de consumir dos estabelecimentos onde os produtos da Companhia União Fabril estiverem à venda! Fazei da boicotagem uma propaganda intensíssima e persistente.

A C. U. F. vende velas, e vende-as também por preços exorbitantes. Essas velas tem a marca "Aliança Fabril". Pois não compreis nem mais uma das velas da Companhia União Fabril! Fazei das vossas companheiras agentes metódicas da boicotagem!

Muitos outros produtos vende a Companhia União Fabril; mas estes que referimos, as velas e o sabão, são os de maior consumo por parte dos operários. São eles, portanto, os que mais cuidadosamente devem ser boicotados.

Lembra-vos, camaradas, que a prosperidade da Companhia União Fabril depende directamente do grau em que lhe consumirdes os produtos de seu fabrico. Nós, os operários, sendo os exclusivos produtores, somos colectivamente os mais importantes consumidores. Aproveitemo-nos legitimamente desta circunstância e lutemos por meio da sabotagem!

Comprar os produtos da Companhia União Fabril é colocarmo-nos ao lado de Alfredo da Silva contra os operários!

Portanto:

Boicotagem aos produtos da C. U. F.

Boicotagem aos estabelecimentos onde esses produtos estiverem à venda!

Boicotagem sem tréguas até que os direitos operários sejam respeitados!

O digno quadro tipográfico de um digno jornal

Nenhum jornal da manhã ou da noite se publicou ontem. Os quadros tipográficos desses jornais, como, de resto, as classes gráficas em geral, aderiram à greve de protesto e de solidariedade para com os operários da Companhia União Fabril com um entusiasmo sem precedentes. Numa notabilíssima manifestação de consciência. E virtude disso, não tiveram os jornais da manhã ou da noite operários que os fizessem. Há uma excepção, tão certo não haver regra que as não tenha, nem rebano sem uma ovelha ralhosa e gafeada de que as outras se afastem enojadas.

Pois houve uma excepção. Foi a do *Século*. Este jornal publicou-se ontem, sabendo a empresa que o dirige, e sabendo os operários que o manufacturam que nenhum outro jornal se publicaria. Os tipógrafos que compõem o quadro do *Século* não duvidaram em cobrirem de vergonha, dando uma nota desonrosa de traição na bela página de solidariedade que representa o procedimento dos tipógrafos de todos os outros jornais.

Nenhum destes compareceu ao trabalho, porque a greve de 48 horas havia sido declarada por quem de direito e porque uma razão de eminentíssima justiça a determinara. Cumpriram o seu dever, e cumpriram-nos duma maneira exemplar. Pois não este exemplo nem este incentivo, exerceram influência naqueles operários. A gente do *Século* entrou nas oficinas submissa, acarneirada, abulica. Trabalhou para a manufactura do único jornal que ontem se publicou em Lisboa, e trabalhou sob a guarda da tropa, que a empresa fizera instalar no edifício, sob a protecção das patrulhas que rodeavam as oficinas. Não poderão consignar-se no livro amarelo das traições operárias, muitos casos em que, como neste, a indignação e a falta de carácter se patenteiam tão baixas.

O quadro tipográfico do *Século* não está filiado na associação respectiva. Se o estivesse seria agora expulso, por uma medida espontânea de higiene e deparação do meio sindical. Fora cevados!

Fora carneiros! Mas não está filiado. Ao menos são coerentes na traição, os amarelos. Não acompanharam nunca os esforços das associações gráficas. Encurralados no *Século*, preferem ir rilhando rastejantes os ossos que a empresa lhes atrai, a reivindicar, na qualidade de homens livres, os direitos que lhes assistem. Aham mais cómodo engulir quanta humilhação a empresa lhes infligir a arguer a cabeça altivamente. E foi assim que os tipógrafos do *Século*, alheados do procedimento dos seus colegas dos outros jornais, ingressaram na oficina, quando os operários de todas as outras classes abandonavam o trabalho para demonstrar aos camaradas da Companhia União Fabril que não os deixavam sós na luta contra o potentado Alfredo da Silva e contra os governantes que o protegem.

Note-se agora que, procedimento da empresa de *O Século* está em correspondência absoluta com o procedimento do seu quadro tipográfico. Tal patrio, tais operários. A empresa do *Século* sabia que os outros jornais se não publicariam. Sabia-o bem, e isso lhe impunha o dever, ditado pela solidiedade de classe, de não sair também com o seu jornal. Mas pareceu-lhe o momento propício à recolha de lucros fáctos, dada a ausência de competidores. E, aproveitando-se da traição do seu quadro tipográfico, publicou-se *O Século*, camaleão de sempre. A Batalha poderia também ter-se publicado ontem de manhã, que lhe não faltavam camaradas gráficos para manufacturá-la. Três edições que nós quizessemos publicar e teríamos os trabalhadores necessários. Mas preferimos não a publicar, exactamente num momento em que essa publicação nos era mais necessária, só para que nos não pudessem supor impulsionados pelo desejo do ganho. Já *O Século* se não deteve ante nenhuma destas considerações. Vive para a ganância e não perde enjoo que se lhe afigure rendoso. O seu quadro está sempre disposto e obediente. Um digno quadro para um digno jornal. Nem feito do propósito!

Como foi assaltada a U. O. N.

São cinco e um quarto, na sede da Federação da Construção Civil, reina completo sossego. De repente, um camarada que estava à janela diz: estamos cercados pela guarda republicana. Foi um momento de indescritível confusão. Porém, os elementos de mais poder, aconselharam ordem e prudência. Que iria suceder? Alguém de baixo diz: desçam!

Alguns tentam chegar às janelas para ver o que se passa fora, o que lhes é vedado, pois que a guarda pretoriana, de espingardas assestadas, está resolvida a atirar ao primeiro que tal tente. Entretanto, sabe-se que ninguém é preso, mas sim apalrado e posto a andar depois de mimado com as coronhas das espingardas, e as bengaladas e os cavalos marinhos dos mantenedores da ordem.

O edifício é evacuado. E, então, o director da polícia de segurança do Estado e seus ajudantes, procedem a uma busca. Perguntam: — Está ali alguém que pertença à direcção da sede?

Sabendo que estavam por algum para dar esclarecimentos apresentase perante esse s. honr. o nosso camarada Joaquim Cardoso, que declara a sua qualidade de secretário geral da Federação da Construção Civil. O nosso camarada estranhou que se fizesse uma tal exibição de forças, que bastante alarmar a vizinhança, sem que motivo algum houvesse para essa intervenção, da autoridade militar, tanto mais que antes das 12 horas tendo reunido as U. O. N. e Federações, estas tinham resolvido que findas as 48 horas de greve, tudo retomasse o trabalho.

O Director da Polícia replicou: — Mas quem me garante o que o senhor afirma?

Enão aquele camarada diz: "se v. ex." se quer dar ao inómodo de me acompanhar por cinco minutos, eu forneço-lhe a prova."

S. ex. dignou-se acompanhar aquele camarada, que se dirigiu acompanhado de dois agentes, à tipografia "A Americana", na rua da Horta Seca, onde apresentou um manifesto que ali se estava a imprimir já há algumas horas, ordenando a volta ao trabalho.

Ficou assim a polícia convencida das resoluções tomadas pelos organismos operários e o nosso camarada Cardoso reclamou assistir à busca até final, pois assegurava que nada ali havia que comprometesse a organização operária.

As portas são abertas de par em par, as gavetas igualmente abertas.

Tudo é visto e revolido e já durava a busca seguramente uma hora, quando se ouve de repente, de um canto, por onde já tinham passado diversos agentes, uma voz que diz: *Cá estão eles!* E traz em cada mão um petardo. O camarada Cardoso protesta e diz que se lhe pesasse a consciência de que ali existisse tal material, muito naturalmente teria saído quando a sede fora evacuada. Tais palavras fazem sucumbir os agentes que ficam semi-desconcertados.

Fora da sede são arrombadas várias portas que são arrecadações de madeira do proprietário da casa, que nada tem que ver com a sede das Associações, e por uma escada desses cubículos surge um guarda republicano com uma espingarda na mão, dizendo que a achara num desses cubículos.

Em vista de tão importantes achados (2) um agente detém o continuo que assistia à busca e o camarada Joaquim Cardoso, que são conduzidos ao governo civil.

Ali, depois de algumas explicações, este último camarada é posto em liberdade, ficando preso o continuo, que foi conduzido à esquadra do Caminho Novo, donde pela noite seguiu para a Cordoaria Nacional.

Do entretanto, procede-se à aposeição de selos nas portas, quer das Associações, quer de A Batalha.

Durante a troca de impressões e de ter declinado a sua identidade, o camarada Cardoso pergunta, o que tinha originado tal aparato de forças, sendo-lhe respondido que no governo civil tinham tido a informação, que de tarde numa assembleia realizada, se tinha iniciado ao assalto aos estabelecimentos da baixa, e logo a diversos edifícios, e que quem presidia dissera:

Temos aqui debaixo da tribuna um caixote de bombas para o que fôr preciso!

Protestando contra tão estapafúrdia denúncia, argumentamos: pois e os agentes da polícia se achavam presentes, como afirma, porque não prendem imediatamente tal criatura? [Grande enigma a decifrar]

Eis resumidamente como se passaram os factos. Ficou-se em: continuar a busca hoje para achar-se o tal célebre e decantado depósito de armamento para fazer a Revolução Social.

Triste e repugnante tudo isto, não faltando os camions com metralhadoras, e a artilharia, nas ruas, para esmagar a horda!

Entretanto pachoroticamente, o reaccionário Alfredo da Silva, espreita as mãos de novo trabalhador, pois que muito o interessa a agitação, em benefício do seu credo, como reaccionário que é.

E quando termina: a esta farça?

A paralização em Lisboa

Manifestos publicados pela organização

Com os títulos: *Após o 1.º dia de greve — Trabalhadores: está em jogo o vosso brio!* foi publicado ontem o seguinte manifesto:

Ao declararem a greve geral em Lisboa e arredores, os organismos que firmam o presente manifesto fizeram-no na convicção de que a massa operária — cujas indicações, expressas nas assembleias sindicais e sancionadas no grande comício do Parque Eduardo VII, acataram, como era seu dever — honraria os compromissos que havia assumido, como é próprio de quem tinha em aliar os actos às palavras, o que só não sucede com quem não tem carácter.

Não deixou, em regra, o operariado de Lisboa de corresponder ao que dele legitimamente havia a esperar, porquanto quasi todas as classes abandonaram o trabalho, figurando neste número as corporações da Construção Civil, Gráfica (incluindo os quadros dos jornais diários), Mobilidade, Metalurgia, Corticeira, os Operários do Município, Tanoelros, Manipuladores de Tabaco, Manufactores de Calçado, Operários do Estado (nomeadamente dos Arsenais do Exército, da Marinha e da Casa da Moeda), da Companhia das Águas, Empregados de Barbeiro e Cabeleireiros, etc.

Nos arredores de Lisboa a paralização é geral nos mais importantes centros industriais, sobretudo em Almada, Barreiro, Tires, Oeiras, Cascais, Paço de Arcos, Seixal e no Poço do Bispo.

Das classes dos transportes terrestres, excluídos os ferroviários, com cujo concurso nunca contamos, secundaram, em parte, o movimento, os Condutores de Carroças, e a grande maioria dos Empregados da Carris de Ferro, cujos serviços estiveram paralisados nas primeiras horas da manhã, tendo saído depois alguns carros, conduzidos pelos repugnantes amarelos que o reaccionário Alfredo da Silva arrebanhou para o seu gremio quando da recente greve do pessoal da Carris, onde pontifica, como pontifica em todas as grandes empresas.

Mércê da atitude rastejante desses crápulosos traidores, uma parte do pessoal da Carris, receando talvez as represálias do negro Alfredo da Silva, saiu mais tarde com os electricos, apesar do seu sindicato ter dado a adesão à greve, conforme se vê da respectiva proclamação.

E lamentável que tenha havido trabalhadores que não hajam tido a relutância suficiente, de seguir o exemplo ignóbil da cãfila de amarelos que ainda há pouco velhacamente os traiu.

Proseguindo hoje, quarta-feira, a greve, esperamos, conforme nos foi assegurado, que a parte sensata e digna do pessoal da Carris de Ferro, num gesto digno de homens de carácter, não siga o exemplo dos infames amarelos. Estamos convencidos que apenas estes pretenderão saltar hoje para os carros, incitados pelo seu dono.

Se tal suceder, que todos os operários conscientes saibam cuspir o seu desprezo na cara dos bandidos.

Que a classe operária não esqueça que a causa dos nossos camaradas da Companhia União Fabril, aos quais, como irmãos de sofrimento, queremos dar a prova viva da nossa solidariedade, não pode, não deve ser conspurcada por quem quer que seja e sobretudo por quem produz, cumprindo-nos aqui esforçadamente porque aqueles homens voltem ao trabalho de frente erguida.

Distanciemo-nos, pela nossa conduta, dos governantes, que não tem dúvida em colocarem-se ao lado duma criatura que tendo sido ainda há pouco acusada, em pleno parlamento, por categorizadas figuras da República, de fazer o jogo dos monárquicos e dos reaccionários, encontra, todavia, da parte dos detentores do Poder a mais ampla protecção e o mais decidido apoio no ataque aos operários que se não querem deixar esmagar pela sua pata de ferro.

18-VI-1919.

União dos Sindicatos Operários e Federações de Indústria

Com os títulos e epígrafe: *Ao operariado de Lisboa — Cumprido o nosso dever regressamos ao trabalho, foi esta madrugada distribuído o seguinte manifesto:*

Estavam em greve os operários da Companhia União Fabril há quasi um mês, greve em que se lançaram, como é do domínio público, por virtude do industrial Alfredo da Silva ter mandado despedir, por vingança, algumas dezenas daqueles trabalhadores, no intuito bem patético de se desfazer de alguns elementos que mais activamente haviam trabalhado para a fundação do respectivo sindicato, o que quer dizer, que da parte do sobretudo industrial havia o propósito de combater com contumácia o princípio associativo, que a um autoritário da sua tempera não pode merecer simpatia.

O proletariado do Barreiro, num belo gesto de solidariedade, ao cabo de bastantes dias de greve, ia em auxílio das referidas camaradas, declarando espontaneamente a paralização do trabalho nas restantes classes operárias daquela vila, a convite da respectiva União dos Sindicatos Operários.

Por sua vez o operariado de Lisboa, no alto intuito de afirmar a sua solidariedade para com os camaradas da União Fabril e ainda no desejo de concorrer para uma rápida solução do mal.

Em face disto que vos aconselhamos, a que retomemos o trabalho depois de nos podermos orgulhar de cumprirmos o nosso dever, posto que outras classes deixaram de o cumprir, traindo infamemente a causa do proletariado.

Camaradas: não retomemos o trabalho se necessário, que todos nos lembremos de que ficam ainda em luta os nossos camaradas da União Fabril que é preciso que sejam auxiliados materialmente pelo tempo que fôr necessário para que se mantenham até à vitória final.

Agreve geral nos arredores

A hora de encerrarmos o nosso jornal, fomos informados de que prosseguia a greve geral em Almada, Barreiro, Xabregas, Poço do Bispo, Tires, Cascais, etc. ...

E' isso devido ao facto de a algumas dessas localidades não ter ainda chegado a proclamação da volta ao trabalho, mantendo-se noutras a greve geral devido ao encerramento de A Batalha.

E' de esperar, que todos os camaradas dos arredores, amanhã retomem o trabalho.

Como os governantes mentem

Do governo civil foi distribuída à imprensa a seguinte interessante nota oficial:

"Na busca que esta tarde foi passada à sede da União Operária Nacional, foram encontradas armas de guerra e bombas, sendo por esse motivo que foi ordenado o seu encerramento."

Tudo o que essa nota diz é absolutamente falso. Na sede da União Operária Nacional não foram encontradas armas de guerra nem bombas. Simplesmente, na residência de um indivíduo que no mesmo prédio habita, as autoridades encontraram duas bombas e uma espingarda. Esta é a verdade. No entanto, registamos essa nota oficial, como uma demonstração da falta de pudor dos governantes e dos seus baixos processos.

Prisões

Na Cordoaria Nacional, à Junqueira e no Quartel de Marinheiros, encontraram-se detidos os nossos camaradas, F. da Costa Leite, António Maria Faria, confínio da sede da União Operária, e muitos outros camaradas cujos nomes ainda não conseguimos apurar.

Também no Barreiro foram, arbitrariamente, presos sete camaradas nossos, que seguiram escoltados por praças de infantaria 11 para bordo de um rebocador que os conduziu, mais tarde, para o "5 de Outubro".

Antes da saída dos presos, essa comissão, acompanhada de grande número de operários, quiz falar ao administrador, para pedir a sua libertação, mas não o conseguiu.

EM GUARDA!

Uma ameaça aos operários da Construção Civil

Dizem-nos da Arcada:

"Constava ontem que o governo vai apurar quais os operários das obras ou estabelecimentos fabris do Estado que não compareceram ao trabalho, por estarem coligados com as classes em greve; que esses operários serão despedidos e que terminado o movimento grevista será levada a efeito a anunciada selecção do operariado empregado nas mesmas obras."

A todos os trabalhadores conscientes

Camaradas! É necessário que nenhuma classe deixe de contribuir com a cota de \$10 semanais, estabelecida pela U. S. O. e pelas Federações de Indústria, para auxílio aos grévistas da União Fabril. Não podemos deixar esses camaradas sucumbir, à falta de recursos, entregando-os manietados ao potentado e inimigo da classe trabalhadora que se chama Alfredo da Silva. Camaradas: Mais uma vez a organização apela para a vossa solidariedade, certa de que não deixará de a prestar, após a greve geral de 48 horas, aos grévistas da C. U. F.